

## Um estudo sobre a lucratividade na produção de hortaliças de uma pequena propriedade rural

Recebimento dos originais: 08/05/2019  
Aceitação para publicação: 30/07/2020

### **Barbara de Aguiar Schinato**

Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade de Caxias do Sul - UCS  
Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Cidade Universitária.  
Caxias do Sul, RS, CEP: 95070-560.  
E-mail: [baschinato@ucs.br](mailto:baschinato@ucs.br)

### **Sergio Cavagnoli Guth**

Doutor em Economia pela Universidade Federal de Aveiro - Portugal  
Instituição: Universidade de Caxias do Sul  
Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Cidade Universitária.  
Caxias do Sul, RS, CEP: 95070-560.  
E-mail: [scguth@ucs.br](mailto:scguth@ucs.br)

### **Marta Elisete Ventura Da Motta**

Doutora em Administração pela Universidade de Caxias do Sul  
Instituição: Universidade de Caxias do Sul  
Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Cidade Universitária.  
Caxias do Sul, RS, CEP: 95070-560.  
E-mail: [mevmotta@ucs.br](mailto:mevmotta@ucs.br)

### **Maria Emilia Camargo**

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina  
Instituição: Universidade de Caxias do Sul  
Endereço: Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, Cidade Universitária.  
Caxias do Sul, RS, CEP: 95070-560.  
E-mail: [mariaemiliappga@gmail.com](mailto:mariaemiliappga@gmail.com)

### **Willian Diehl**

Mestrando em Controladoria e Contabilidade – UFRGS  
Av. Paulo Gama, 110 - Farroupilha, Porto Alegre - RS, 90040-060  
E-mail: [willian.diehl@hotmail.com](mailto:willian.diehl@hotmail.com)

### **Marina Bezerra da Silva**

Doutoranda em Ciência da Propriedade Intelectual - Universidade Federal de Sergipe  
Docente do Eixo de Gestão e Negócios - Instituto Federal do Piauí  
Rua Projetada, S/N, Uberaba II, Oeiras/PI - CEP: 64.500-000  
E-mail: [marina.silva@ifpi.edu.br](mailto:marina.silva@ifpi.edu.br)

### **Resumo**

Com o constante crescimento da agricultura nos tempos atuais, propriedades rurais passam a adequar-se aos novos empreendimentos, tendo como finalidade uma maior lucratividade sobre suas operações, seus bens, aderindo a algum controle estratégico e uma gestão qualificada.

Essa pesquisa objetivou apurar a lucratividade na produção de hortaliças de uma pequena propriedade rural, das culturas de alface, moranga, tempero verde e repolho. Em termos metodológicos utilizou-se de pesquisa bibliográfica, aplicada, quantitativa, descritiva e exploratória. Visando subsidiar o cultivo de hortigranjeiro calculou-se os custos das culturas da alface, tempero verde, repolho e moranga, sendo obtidos resultados distintos para as culturas, que subsidiam o cultivo de hortigranjeiro na propriedade que comercializa sua produção a um revendedor (intermediador) e 02 consumidores finais. A pesquisa concluiu que a cultura da moranga gera uma maior lucratividade (40,86%), seguida pela cultura da alface (39,48%), após o tempero verde (34,19%), e a cultura do repolho com um prejuízo operacional de (-22,01%). Vale ressaltar que a moranga é cultivada apenas uma vez ao ano, o que requer menor investimento em mão de obra e insumos. A alface é cultivada 10 vezes ao ano e o tempero verde 02 vezes ao ano, porém necessitam de mais mão de obra trabalhada do que as demais culturas, principalmente na colheita e no preparo para a venda. Desta forma, este estudo evidenciou a viabilidade da propriedade rural familiar, ressalva-se que o produtor desconhecia a importância da contabilidade para melhor gerenciamento da sua propriedade

**Palavras-chave:** Contabilidade rural. Hortaliças. Lucratividade.

## 1. Introdução

A horticultura é uma atividade agro econômica, podendo ser realizada por micro, pequenas, médias e grandes propriedades, localizadas tanto no interior, quanto nas proximidades dos grandes centros urbanos. As hortaliças em sistemas de produção em campo aberto exigem investimento médio inicial de US\$ 1 mil a US\$ 5 mil por hectare, e geram mais lucro a cada hectare cultivado, quando comparada a outras culturas, como os grãos. Por isso, apesar das variações sazonais das hortaliças, os negócios no setor vêm sendo bastante atrativos. Em condições normais de mercado, estima-se que as hortaliças gerem renda entre US\$ 2 mil e US\$ 20 mil por hectare, em campo aberto (SEBRAE, 2015).

Os pequenos, médios e grandes agricultores devem buscar aprimoramento no gerenciamento da sua atividade. O segmento de serviço do agronegócio, que abrange todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos hortifrúti, indica um aumento de 3,4% (HORTIFRUTI BRASIL, 2016). A atividade agrícola tornou-se um alicerce da economia mundial e tem inovado constantemente a partir dos avanços da tecnologia, tanto na parte de produção, quanto na operacionalização e na diversificação de produtos.

A carência de informações sobre o controle da propriedade rural, por parte de alguns produtores, pode provocar a ineficiência na gestão, atrelada à falta de conhecimentos. Sendo gerencial e básico, os controles originários da contabilidade rural são para a tomada de decisões, levantando relatórios de ganhos, perdas e prejuízos. Realizar controle sobre a produção e distribuição é necessário para todas as empresas em qualquer atividade. A contabilidade rural é o principal instrumento de apoio para a tomada de decisões, durante a

execução e controle das operações (CREPALDI, 1998).

De modo geral, a contabilidade se consolida como um instrumento de apoio para a atividade agrícola, visando gerar informações gerenciais para auxiliar na tomada de decisão, com base em dados verídicos e consistentes. Pressupõe-se que a contabilidade rural seja pouco conhecida pelos produtores rurais, o que ocasiona a não aplicação de seus conceitos e o pouco reconhecimento da sua utilidade, como instrumento de gestão (CREPALDI, 2012b, 2016).

A contabilidade rural auxilia no gerenciamento da propriedade rural, proporcionando informações relevantes, financeiras e econômicas com as quais é possível avaliar a situação da mesma. Este artigo está relacionado à contabilidade rural, especialmente no campo da olericultura. O termo olericultura é derivado do latim: *olus* (=hortaliça) e *colere* (=cultivar) e, portanto, é utilizado para designar o cultivo de certas plantas de consistência herbácea, geralmente de ciclo curto e tratos culturais intensivos, cujas partes comestíveis são diretamente utilizadas na alimentação humana, sem exigir industrialização prévia.

A olericultura tem papel relevante sócio-econômico no Brasil, no fornecimento de alimentos e na geração de empregos, assim, criando renda para a comunidade. Importante mencionar a previsão da Associação Brasileira do Comércio de Sementes e Mudas (ABCSEM), em 2012, que, considerando 18 espécies hortícolas, indica que o volume total produzido foi de 19,62 milhões de toneladas, com uma área cultivada de 656 mil hectares e gerando dois milhões de empregos diretos (ABCSEM, 2014).

“A olericultura pode ser vista como a atividade agroeconômica, ciência aplicada, recreação educativa ou como fonte de alimento relevante para a nutrição humana” (FERREIRA, 2007). O marcante do agronegócio da produção de hortaliças é por ser uma atividade extremamente intensiva, em todos os aspectos. Com isso, percebe-se a importância dos produtores, sendo preciso um alto investimento por hectare, trabalho árduo e pesado, nas quatro estações do ano, podendo produzir grandes quantidades em pequenos espaços, tendo também uma alta lucratividade, tanto bruta quanto líquida (FERREIRA, 2007).

No Quadro 1 é demonstrada a classificação das hortaliças, de acordo com o *site* Posto 7 – Hortaliças.

#### Quadro 1: Classificação das Hortaliças

| Classificação       | Definição  | Exemplos   |
|---------------------|--|--|
| Hortaliças Folhosas | São as hortaliças cujas partes comestíveis são as folhas, geralmente são verdes de consistência macia. | Alface, almeirão, agrião, espinafre, couve, cebolinha, salsinha. |
| Hortaliças Flores   | São hortaliças em que as partes comestíveis  | Couve-flor, couve, brócolis, repolho.                            |

|                                 |   |  |
|---------------------------------|---|--|
| Hortaliças Frutas               | são as flores.<br>São hortaliças onde nascem frutos que são a parte comestível. | Berinjela, jiló, abóbora, moranga, quiabo, chuchu, tomate, pimentão, pepino. |
| Hortaliças Tubérculos ou Bulbos | Crescem abaixo do solo, são de maior cuidado.                                   | Batata, cará, cebola, alho.  |
| Hortaliças Raízes               | São as hortaliças invertidas, sua parte comestível é a raiz.                    | Cenoura, beterraba, rabanete, nabo, batata-doce.                             |
| Hortaliças Rizomas              | Ciclo intermediário.  | Inhame.  |
| Hortaliças Hastes               | Sua parte comestível é o caule ou a haste.                                      | Aspargo, aipo ou salsão.   |
| Hortaliças Condimentos          | São as hortaliças usadas como tempero na alimentação.                           | Cebolinha, coentro, pimenta, salsa, manjerição, hortelã.                     |

Fonte: Adaptado do *site* Posto 7 – Hortaliças.

De acordo com este *site*, as hortaliças compreendem mais de 70 espécies e são agrupadas conforme sua parte comestível, ou seja, folhas, caule, frutas, entre outras.

Além disso, o setor de hortaliças ou “*Salad Business*” tem um olhar que possibilita a solução de dois problemas elencados por Godfray et al. (2010) em seu estudo “*The Challenge of Feeding 9 Billion People*”. Os autores mencionam a necessidade de alteração em dietas no consumo de vegetais e redução do desperdício de alimentos.

Pode-se inferir que o setor de hortaliças vem transformando as relações entre os agentes do agronegócio, com crescimento em contratos nos elos de produção, marketing, alianças estratégicas e fusões (PEREIRA, 2005).

As hortaliças destacam-se entre a produção agrícola dos pequenos produtores, pois, além de enriquecer a alimentação, possibilita um retorno econômico rápido, servindo então de suporte a outras explorações com retorno de médio e longo prazo. É, também, uma cultura que se adapta à produção em pequenas áreas ou mesmo em sistema de rotação com outras culturas.

A empresa estudada nesta pesquisa é familiar e não possui nenhum sistema de controle de custo e de contabilidade. A propriedade está localizada em Vacaria-RS, possui um total de 8,0 hectares, sendo 2,5 hectares de lavoura, cultivando hortigranjeiros, dando ênfase a alface crespa, repolho, tempero verde e moranga. Para a comercialização da safra, utiliza um comprador intermediário – mercados, fruteiras – e dois consumidores finais. O intermediário estabelece preço de compra conforme a Central Estadual de Abastecimento (CEASA), sendo um preço variável anual, e firma contrato; os consumidores finais estabelecem o preço médio de semestre, tendo contrato semestral.

Com base na delimitação do tema proposto, a questão de pesquisa para o estudo é: Qual a lucratividade que os produtos hortigranjeiros proporcionam a um pequeno produtor

rural da agricultura familiar?

Este estudo justifica-se pela possibilidade de auxiliar os produtores rurais de pequeno porte, com alternativas para planejar e controlar a safra, identificar a cultura mais lucrativa e evidenciar os custos de produção, visando um melhor aproveitamento da área de plantio, tendo como consequência o aumento da renda, bem como a demonstração da importância e os benefícios da contabilidade nos negócios rurais.

Além disso, é importante ressaltar que um dos principais entraves da atividade do campo está relacionado aos seus custos, especialmente quando a alta tecnologia é implementada na propriedade. Neste caso, as investigações que colaboram com a gestão dos custos, neste segmento, podem contribuir diretamente com a estratégia e com os resultados da gestão dos negócios rurais.

Destaca-se que, apesar de os resultados deste trabalho estarem voltados para a olericultura, podem gerar reflexões também para outros campos da contabilidade rural e/ou da produção agrícola, visto que alguns destes utilizam-se de estratégias comuns de gestão e de controle de custos referentes ao agronegócio.

O artigo está organizado da seguinte maneira: além da introdução, a segunda seção apresenta o referencial teórico. A terceira seção contém os procedimentos metodológicos, a quarta seção dedica-se à apresentação e à discussão dos resultados. Na quinta seção, são evidenciadas as considerações finais.

## **2. Referencial Teórico**

Nessa seção é apresentado o referencial teórico sobre a contabilidade rural, seguido dos métodos de custeio e custos diretos e indiretos.

### **2.1. Contabilidade rural**

A Contabilidade Rural surgiu com a finalidade de facilitar a gestão dos agronegócios, como uma forma de controle financeiro estratégico, propicia aos empresários rurais os resultados obtidos no exercício, apresentando sua lucratividade ou o seu prejuízo no período.

A Contabilidade Rural, no Brasil, pode-se dizer que é pouco explorada, e isso ocorre por desconhecimento do empresário sobre a importância das informações obtidas através da contabilidade, e da segurança que essas informações trazem para a tomada de decisões (CREPALDI, 2012a).

Para Assis Neto e Robles Junior (2019), a Contabilidade Rural é uma peça

fundamental na economia do país. Além de auxiliar os agricultores na gestão das suas propriedades, atua na adequação dos diversos procedimentos produtivos.

O Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) 29 – Ativo Biológico e Produto Agrícola trata sobre as modificações para a realização das avaliações contábeis desses ativos e sua mensuração a valor justo. Conforme descrito neste Pronunciamento, os ativos biológicos são seres vivos (plantas e animais), a partir do processo de colheita. Estes ativos se tornam produtos agrícolas e, com isso, deve haver a aplicação de uma avaliação de valor justo (CPC 29, 2009).

A transformação em ativo acontece quando a vida do ser vivo passa por um processo de degeneração e chega ao fim. Os ativos biológicos podem ser classificados como consumíveis ou de produção, ou ainda, como maduros ou imaturos. Os maduros são aqueles biológicos, consumíveis e que estão prontos para a colheita. Os imaturos, por sua vez, sustentam colheitas regulares e são próprios para a produção (CPC 29, 2009).

Para aumentar a competitividade da organização em relação aos concorrentes é importante a gestão de custos, ela auxilia nas decisões, realizando análises dos custos e do sistema de custeio adotado (IZIDORO, 2016). De acordo com Marion (1996):

“A gestão de custos também está voltada para as Tomadas de Decisão: qual quantidade mínima que se deve produzir para não se ter prejuízo? Qual produto é mais rentável para estimular sua produção? Que produto deve-se cortar para aumentar a rentabilidade? Certos itens é melhor produzir ou comprar de terceiros? Qual o preço adequado para cada produto? Sobre qual item de custos deve-se exercer melhor controle? Como reduzir Custos?” (MARION, 1996, p. 60)

Com esse enfoque, percebe-se a importância de um sistema de gestão, para obter melhor desempenho e rendimento nas empresas, gestão de controle integrada com a contabilidade rural e de custos para o conhecimento e controle do agronegócio.

Em muitas empresas, a contabilidade de custos tem finalidade de determinar o custo dos produtos e serviços vendidos. Integrada ou não à Contabilidade Geral, é necessário que o usuário conheça os seus princípios e metodologias (PIZZOLATO, 2000). Os custos de culturas temporárias são os gastos identificáveis direta ou indiretamente com o produto. Como exemplos: sementes, adubo, mão-de-obra (direta e indireta), combustíveis, depreciação dos equipamentos e máquinas, bem como serviços relacionados à produção (MARION, 2007).

## 2.2. Métodos de custeio e custos diretos e indiretos

Os métodos de custeio podem ser importantes para a geração de informações

relevantes na tomada de decisões. Esses métodos são utilizados para determinar o valor dos objetos de custeio, reduzir custos, melhorar os processos da empresa, eliminar perdas, decidir entre produzir ou terceirizar; e inventar, mudar, aumentar ou diminuir a produção de certos produtos (ABBAS; GONÇALVES; LEONCINE, 2012).

O custeio variável é aquele que apresenta vantagens relacionadas à apuração dos resultados financeiros e econômicos, mostrando o valor do imposto de renda menor a ser pago. Com isso, esse sistema não é aceito pela legislação tributária do país e a empresa que desejar adotá-lo precisa de diferentes relatórios e controles (WENKE, 2008).

Os gestores devem fazer a distribuição correta e ter controle dos custos indiretos através de rateio dos mesmos. Com isso, o custo indireto se torna um método de gerenciar os custos alternativos, onde ele propõe a geração de informações sem precisar de rateios ou rastrear os custos indiretos (CRUZ, 2011).

O método de custeio direto ou variável é voltado à geração de informações de custos gerenciais. As principais características desse sistema são: origem gerencial; orientado para as funções financeiras e de marketing; vendas como elemento gerador de riquezas; só os custos variáveis são imputados aos produtos; custos fixos são despesas no período; margem de contribuição unitária como parâmetro de análise; ênfase na análise de relação custo-volume-lucro (FERREIRA, 2007).

O custeio por absorção é aceito pela Legislação Fiscal Brasileira, assim seguindo o regulamento dos Princípios Fundamentais de Contabilidade. Diferente do custeio variável, este método atua com um sistema de rateios para apropriação dos custos de dois ou mais produtos. Este procedimento consiste em apropriar todos os custos de produção aos bens produzidos, todos os gastos relacionados ao esforço de produção são distribuídos para todos os produtos ou serviços elaborados (MARTINS, 2010).

O custeio por absorção segue três passos, separa-se os custos de produtos dos custos do período, após atribuídos custos diretos aos produtos específicos, e por fim, os custos indiretos são atribuídos aos seus respectivos centros de custos. Assim, o custo do produto é a soma dos custos diretos com os custos indiretos (CREPALDI; CREPALDI, 2014).

No custeio por absorção observa-se à sequência operacional desse método de custeio: separação dos custos e despesas; identificação dos custos diretos e indiretos; alocação dos custos diretos aos produtos e serviços; determinação de critérios para rateio e alocação dos custos indiretos aos centros de custos auxiliares e produtivos; alocação dos custos indiretos aos centros de custos (auxiliares e produtivos); transferência dos saldos para os centros de custos auxiliares para os centros de custos produtivos por meio de método de

transferência; transferência dos centros de custos produtivos aos produtos e aos serviços; mensuração do valor dos estoques; apuração do custo unitário do produto acabado; apuração do resultado (CRUZ, 2011).

Custos diretos são os que estão diretamente ligados ao produto, nos quais existe uma medida de consumo, eles são identificados com os produtos e variam de acordo com a quantidade produzida. Como exemplos: insumos, mão de obra direta (funcionários), embalagem, depreciação de equipamentos agrícolas, energia elétrica das máquinas (CREPALDI, 1998). Ainda conforme o autor, os custos indiretos são aqueles não identificáveis diretamente ao produto e necessitam de rateio para serem alocados, como o aluguel, energia elétrica, depreciação, mão de obra indireta (supervisão), impostos, manutenção.

Crepaldi (1998, p. 92) afirma que “custos fixos são aqueles cujo total não varia proporcionalmente ao volume produzido, como os impostos, aluguel e outros”. Os custos fixos independem da produção, ou seja, não diminuem com produção maior ou menor, não mudam de valor a cada mês.

Já os custos variáveis dependem da produção, aumentando ou diminuindo à medida que se produz, são diretamente ligados ao produto. A respeito disso, Crepaldi (1998) menciona:

“Custos variáveis variam proporcionalmente ao volume produzido. Exemplo: insumos, embalagem. Se não houver quantidade produzida, o custo variável será nulo. Os custos variáveis aumentam à medida que aumenta a produção agrícola. Outros exemplos: insumos indiretos consumidos, depreciação dos equipamentos agrícolas, quando esta for feita em função das horas-máquinas trabalhadas, gastos com horas extras na produção agrícola, etc”. (CREPALDI 1998, p. 92)

Ainda Padoveze e Benedicto (2011), referenciam que a margem e lucratividade são consideradas sinônimas. De acordo com eles existem vários tipos de margem que podem ser calculadas em relação às vendas, importante mencionar que a mais utilizada para cálculo da lucratividade é a margem líquida, denominada por alguns autores de lucratividade, a margem bruta e a margem operacional.

### **3. Procedimentos Metodológicos**

Quanto aos objetivos, essa pesquisa se classifica como descritiva, quanto à abordagem do problema se caracteriza como quantitativa e quanto aos procedimentos é definida como documental.

A pesquisa descritiva tem como objetivo registrar e descrever as observações, sem a manipulação do pesquisador. A pesquisa descritiva diferencia-se da exploratória, pois busca classificar, explicar e interpretar os fatos. Por outro lado, a exploratória apenas apresenta a forma como o fato ocorreu e suas causas (MARCONI; LAKATOS, 2003; MARTINS; THEÓPHILO, 2016; PRODANOV; FREITAS, 2013; RAUPP; BEUREN, 2008).

A abordagem quantitativa caracteriza o seu foco de pesquisa como quantificável, o que, em outras palavras, significa representar em números as informações coletadas para posteriormente analisá-las. A amostra desta abordagem usualmente é ampla e os instrumentos de coleta de dados são instrumentos manipulados, como questionários, testes e escalas. Diferentemente da qualitativa, a abordagem quantitativa é puramente estatística, pois se utiliza de procedimentos estatísticos para coletar e tratar os dados (MARCONI; LAKATOS, 2003; MARTINS; THEÓPHILO, 2016; PRODANOV; FREITAS, 2013; RAUPP; BEUREN, 2008).

A pesquisa documental define-se pela coleta e organização de informações a serem utilizadas de acordo com o objetivo da pesquisa. Diferencia-se da pesquisa bibliográfica, pois é baseada em materiais sem tratamento analítico, ou seja, que serão estruturados de acordo com o objetivo proposto. O pesquisador deve avaliar de forma crítica os documentos coletados, quanto à originalidade, autenticidade e a fonte. Tais documentos podem ser provenientes de arquivos públicos, como municipais, estaduais ou federais, ou de arquivos particulares, de instituições privadas (MARCONI; LAKATOS, 2003; MARTINS; THEÓPHILO, 2016; PRODANOV; FREITAS, 2013; RAUPP; BEUREN, 2008).

Os dados foram coletados na propriedade de um produtor de uma pequena propriedade rural, localizado na Fazenda do Cedro, São Pedro – Coxilha Grande, Vacaria, Rio Grande do Sul, que cultivava as variedades da horticultura, com 2 (dois) hectares plantados de hortigranjeiro (alface, moranga, repolho e tempero verde), no período de agosto a setembro de 2017.

O levantamento dos dados ocorreu por meio de entrevista e observação, os quais corresponderam às despesas, custos diretos e indiretos, bens do imobilizado, data da compra dos bens tangíveis, para calcular a depreciação, e insumos e fertilizantes. Para o cálculo da hora homem, foi considerado o salário (piso do sindicato) mais o adicional de insalubridade em grau médio (20% do salário mínimo), acrescido dos encargos patronais como o FGTS (8%), também a multa do FGTS (40%) e o INSS patronal (2,2%), somando tudo e dividido por 220 horas mensais, para o custo hora homem.

As culturas analisadas são comparadas em relação aos seus custos, desde a

preparação da terra até sua colheita, período variável entre 30 (trinta) dias e 150 (cento e cinquenta) dias. As plantações de alface, repolho e tempero verde são sazonais e as plantações de moranga são não sazonais.

#### 4. Apresentação e Análise dos Resultados

Para as plantações é necessário utilizar insumos agrícolas, os quais garantem a safra, mantendo a nutrição, proteção e ajudando no desenvolvimento das culturas, aumentando assim sua produtividade. Compreendem-se como insumo: adubos, fungicidas, inseticidas e herbicidas. No Quadro 2 é evidenciada a classificação dos insumos utilizados nas culturas, bem como o valor de cada um.

**Quadro 2: Insumos (em reais)**

| Insumo     | Descrição | Tipo  | Valor    |
|------------|-----------|-------|----------|
| Adubo      | Orgânico  | 1 Ton | 1.200,00 |
|            | Foliar    | 1L    | 55,00    |
| Fungicida  | Sumilex   | 1 kg  | 128,00   |
|            | Cercobin  | 1 kg  | 39,00    |
|            | Cabrio    | 1 kg  | 55,00    |
| Inseticida | Orthene   | 750 g | 140,00   |
| Herbicida  | Poast     | 1 L   | 55,00    |
|            | Totril    | 1 L   | 250,00   |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Dos insumos utilizados na produção, pela propriedade em estudo, o que apresenta maior valor comercial é o adubo orgânico (1.200,00 por tonelada). No Quadro 3 são demonstrados os valores totais e unitários das culturas da propriedade em estudo.

**Quadro 3 - Valores dos insumos (em reais)**

| Hortaliças | Quantidade de mudas | Valor total | Valor unitário |
|------------|---------------------|-------------|----------------|
| Alface     | 288                 | 12,00       | 0,04           |
| Moranga    | 140                 | 40,00       | 0,29           |
| Repolho    | 140                 | 14,00       | 0,10           |
| Cebolinha  | 288                 | 12,00       | 0,04           |
| Salsinha   | 288                 | 12,00       | 0,04           |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

O Quadro 3 demonstra a espécie da planta cultivada, nesse caso: a muda já pronta, a quantidade de mudas utilizadas por safra, o valor total de acordo com a empresa fornecedora das mudas, assim chegando ao seu valor unitário. Ressalva-se que a propriedade rural possui somente um fornecedor de mudas e com contrato de safra.

Com relação à mão de obra, para o cálculo dos proventos da folha de pagamento, utiliza-se o piso regional do estado do Rio Grande do Sul (R\$ 1.185,80). Conta-se também

com a percepção do adicional de insalubridade no percentual de 20% (vinte por cento) a incidir sobre o salário-mínimo nacional (R\$ 937,00). Dos descontos incidentes sobre o empregado, 1% (um por cento) é referente à Contribuição Assistencial sobre o piso normativo da categoria, quanto aos descontos previdenciários é utilizado a tabela vigente em cada época. O empregador possui os encargos de FGTS – 8% (oito por cento sobre a remuneração tributável do empregado), mais a multa de 4% (quatro por cento, referente ao FGTS), assim como o encargo de INSS Patronal 2,2%. Quanto às vendas, é permitido a redução de 2,3% de Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL, é o INSS Rural), com incidência sobre a venda, e também auxilia na aposentadoria ao produtor rural.

#### **4.1. Cultura da alface**

A cultura da alface é sazonal, rico no mercado consumidor, que aumenta na região sul no inverno, onde poucos produtores conseguem continuar com a comercialização do cultivo. No caso da alface por safra (cerca de 30 dias – dentro da estufa), são utilizadas 5.000 unidades de mudas para plantio, adubos na proporção correta, assim como fungicida, que é o que evita os fungos na planta, que são causados por água demais ou de menos, calor demais ou pouco calor. Nessa cultura são utilizados dois fungicidas diferentes, remediando paralelamente. Também é utilizado o inseticida Orthene, sendo considerado o mais potente, nesse caso, observando sempre a necessidade e recomendação.

Conforme informações do produtor, por safra (cerca de 30 dias) são utilizadas 5.000 (cinco mil) mudas para plantio. Por experiência, o proprietário usa a dose certa de cada insumo, é rateado o valor por uso dos insumos encontrando assim o valor total da safra, e calculado o valor anual, ou seja, 10 (dez) safras no ano. Conforme levantamento, as horas laboradas estão de acordo com a necessidade da safra, assim como o h/m é calculado com base na depreciação do tratorito. Com isso, pode-se verificar o custo com serviços, mão-de-obra e máquinas, inerente a cada safra e ao total anual (10 safras).

O critério de rateio é pelo número de dias utilizados para cada produto, exceto os palanques e os plásticos, que são exclusivamente utilizados para a produção da alface por meio das estufas. O tratorito é usado apenas na preparação do solo, o que implica 01 (um) dia em cada safra. Já a camionete é usada para o transporte das mudas e depois, na comercialização, sendo utilizados 12 dias por safra para a comercialização e 3 dias para a safra para transporte das mudas.

As ferramentas são depreciadas em 10% ao ano, rateadas pelo número de dias usados

por safra, ou seja, pelo número de dias usados anualmente, tendo em vista que as estufas são exclusivamente para plantio de alface. Quanto ao consumo de óleo diesel e gasolina as quantidades são pagas anualmente, enquanto que para a energia elétrica é pago R\$ 60,00 mensais, também é pago R\$ 200,00 mensais de manutenção para a camionete. O critério de rateio é de produção total das culturas analisadas, ou seja, é rateada pelo total da produção de alface.

Na Tabela 1 é apresentada a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), com relação ao cultivo da alface.

**Tabela 1: DRE da alface (em reais)**

| <b>DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO</b> |                    |                 |
|---|--------------------|-----------------|
| <b>(+) Receita Operacional Bruta – Alface</b> | <b>47.149,00</b>   | <b>100,00%</b>  |
| (-) Deduções – FUNRURAL                       | (1.084,43)         | (2,30%)         |
| <b>(=) Receita Operacional Líquida</b>        | <b>46.064,57</b>   | <b>97,70%</b>   |
| <b>(-) Custos dos Produtos Vendidos</b>       | <b>(27.584,67)</b> | <b>(58,51%)</b> |
| (-) Custos Fixos                              | (1.444,80)         | (3,06%)         |
| (-) Custos Variáveis                          | (19.146,99)        | (40,61%)        |
| (-) CIF                                       | (6.992,88)         | (14,83%)        |
| <b>(=) Resultado Líquido do Exercício</b>     | <b>18.479,90</b>   | <b>39,19%</b>   |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Percebe-se que o resultado líquido do exercício é de 39,19%, considerando a receita operacional líquida de 97,70% da venda da alface e os custos dos produtos vendidos de 58,51%. Esses valores são anuais, relativos às 10 safras de alface durante o ano.

#### **4.2. Cultura do Tempero Verde**

O cultivo do tempero verde é de ciclo longo, sazonal, sendo cortado e colhido inúmeras vezes com a mesma muda. Com menor custo, considera-se um melhor investimento e venda garantida em razão da grande procura. Para o cultivo do tempero verde, são utilizadas 2.000 unidades de mudas para plantio, sendo 1.000 mudas de cebolinha e 1.000 de salsinha, adubos na proporção correta, assim como fungicida que é o que evita os fungos na planta. Nessa cultura são utilizados dois fungicidas diferentes, sendo que paralelamente, também é utilizado o inseticida Orthene, que é considerado o melhor que o mercado tem a oferecer. No cultivo de tempero é importante a medida correta de aplicação dos agrotóxicos, tendo em vista que o uso exagerado pode causar a morte da planta.

Conforme informações do produtor, as mudas de tempero verde são plantadas apenas 2 vezes no ano, sendo possível nessa cultura cortar e rebrotar a mesma muda, em apenas 10 dias após cortado, é possível cortar novamente. Por experiência, o proprietário usa a dose

certa de cada insumo, sendo rateado o valor por uso dos insumos, encontrando, assim, o valor total da safra. O valor anual é calculado para as duas safras do ano, as quais rebrotam e pode-se cortar em torno de 4.500 molhos por safra.

O critério de rateio é o número de dias utilizados para cada ferramenta, exceto as borrachinhas de amarrar os molhos, as quais são usadas somente para tempero verde. O tratorito é usado apenas na preparação do solo, o que implica 01 (um) dia em cada safra, já a camionete é usada para o transporte das mudas e depois na comercialização, sendo utilizada por 71 dias por safra para a comercialização e 1 dia por safra para transporte das mudas. As ferramentas são depreciadas em 10% ao ano, rateadas pelo número de dias usados por safra. Os valores para rateio são os depreciados, para o cálculo do total foi multiplicado pelo número de safras anuais.

Na Tabela 2 é apresentada a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), com relação ao cultivo do tempero verde.

**Tabela 2: DRE tempero verde (em reais)**

| <b>DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>        |                   |                 |
|--|-------------------|-----------------|
| <b>(+) Receita Operacional Bruta – Tempero Verde</b> | <b>11.800,00</b>  | <b>100,00%</b>  |
| (-) Deduções – FUNRURAL                              | (271,40)          | (2,30%)         |
| <b>(=) Receita Operacional Líquida</b>               | <b>11.528,60</b>  | <b>97,70%</b>   |
| <b>(-) Custos dos Produtos Vendidos</b>              | <b>(7.495,38)</b> | <b>(63,52%)</b> |
| (-) Custos Fixos                                     | (1.027,47)        | (8,71%)         |
| (-) Custos Variáveis                                 | (2.706,26)        | (22,93%)        |
| (-) CIF  | (3.761,65)        | (31,88%)        |
| <b>(=) Resultado Líquido do Exercício</b>            | <b>4.033,22</b>   | <b>34,18%</b>   |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

A partir da análise da Tabela 2, pode-se notar o lucro da produção e venda do tempero verde anual, em que a receita operacional bruta origina-se apenas da venda dos molhos de tempero verde. O FUNRURAL (INSS rural) equivale a 2,3% da receita bruta, ainda são descontados os custos fixos (depreciações), variáveis (insumos e serviços) e CIF, assim obtendo-se o resultado final, os valores aqui demonstrados são anuais, isto é, abrangem as duas safras anuais.

### 4.3. Cultura do repolho

O cultivo do repolho é de ciclo longo aproximadamente de 3 a 4 meses e necessita de um maior cuidado. Tem um preço de venda muito variado e também de variação de quantidades em sua produção. Para o cultivo do repolho, são utilizados aproximadamente 1.200 (mil e duzentas) mudas para plantio, adubos na proporção correta, sendo o repolho o que mais precisa de adubo orgânico, assim como fungicida e o inseticida, que são usados em

maior quantidade que nas demais culturas. Sendo bastante frágil ao ataque de fungos e insetos, é necessária uma maior atenção quando a planta está se desenvolvendo.

Conforme informações do produtor, por safra (cerca de 90 dias) são utilizadas 1.200 (mil e duzentas) mudas para plantio, por experiência o proprietário usa a dose certa de cada insumo, o valor é rateado por uso dos insumos, encontrando, assim, o valor total da safra, e calculado o valor anual, ou seja, 04 (quatro) safras no ano.

Mesmo o repolho precisando de mais insumos, a bomba de aspersão é menos utilizada, pois um dos insumos são colocados diretamente na planta. O tratorito é usado apenas na preparação do solo, o que implica em 01 (um) dia em cada safra. Já a camionete é usada para o transporte das mudas e depois na comercialização, sendo usada em torno de 14 (catorze) dias por safra para a comercialização e 1 dia por safra para transporte das mudas. As ferramentas são depreciadas em 10% ao ano, rateadas pelo número de dias usados por safra. Os valores para rateio são os depreciados, para o cálculo do total foi multiplicado pelo número de safras anuais, nesse caso, 04 safras.

Na Tabela 3 é apresenta a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), com relação ao cultivo do repolho.

**Tabela 3 – DRE repolho (em reais)**

| <b>DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>  |                   |                  |
|--|-------------------|------------------|
| <b>(+) Receita Operacional Bruta – Repolho</b> | <b>5.873,90</b>   | <b>100,00%</b>   |
| (-) Deduções – FUNRURAL                        | (135,10)          | (2,30%)          |
| <b>(=) Receita Operacional Líquida</b>         | <b>5.738,80</b>   | <b>97,70%</b>    |
| <b>(-) Custos dos Produtos Vendidos</b>        | <b>(7.031,92)</b> | <b>(119,71%)</b> |
| (-) Custos Fixos                               | (418,83)          | (7,13%)          |
| (-) Custos Variáveis                           | (3.276,54)        | (55,78%)         |
| (-) CIF  | (3.336,56)        | (56,80%)         |
| <b>(=) Resultado Líquido do Exercício</b>      | <b>(1.293,12)</b> | <b>(22,01%)</b>  |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 3, observa-se o resultado do exercício do repolho, nesse caso prejuízo. Isso ocorre em razão de os custos serem altos, a cultura ser de ciclo longo e, mesmo sendo sazonal, leva cerca de 3 (três) meses para ser colhido e comercializado. O FUNRURAL (INSS rural) equivale a 2,3% da receita bruta, ainda são descontados os custos fixos (depreciações), variáveis (insumos e serviços) e CIF, assim obtendo o resultado final, nesse caso o prejuízo de (22,01%). Os valores aqui demonstrados são anuais, isto é, abrangem as quatro safras anuais.

#### 4.4. Cultura da moranga

Em regiões mais frias, é possível realizar o plantio de moranga apenas uma vez por

ano, visto que é uma planta de temperatura mais quente. Para que se consiga produzir a moranga Cabotiá (preta) é necessário plantar o pólen junto (amarela, laranja ou cinza), para que haja a polinização das plantas. Para uma melhor safra é necessário seguir as recomendações, como de espaçamento, água, agrotóxicos e demais insumos.

Para o cultivo de moranga, são utilizados aproximadamente 1.000 (um mil) mudas da moranga cerca de 750 (setecentos e cinquenta) mudas de cabotiá (preta) e 250 (duzentos e cinquenta) mudas do pólen, a hortaliça não necessita de muitos cuidados, a terra deve estar bem adubada, sendo preferível colocar o adubo foliar direto na cova da muda, é necessário a limpeza mais frequente quando a muda pequena, para evitar que o mato se espalhe e mate a muda. Por ser uma planta rasteira ela se espalha, sendo plantada uma muda a cada 2m (dois metros) da outra. Uma muda de moranga tem em torno de 5 morangas, pesando aproximadamente de 1,5 a 2,0 kg cada uma (havendo alguma exceção).

Conforme informações do produtor, por safra anualmente são utilizadas 1.000 (mil) mudas para plantio, por experiência o proprietário usa a dose certa de cada insumo, é rateado o valor por uso dos insumos encontrando assim o valor total da safra que é apenas 01 (um) ao ano. A utilização dos serviços no cultivo da moranga anual, por se tratar de cultura com plantio apenas 01 (uma) vez ao ano, a quantidade de horas homem, o uso do tratorito é exclusivo para o preparo do solo.

São poucos ou equipamentos utilizados para a produção das mudas, basicamente é usada a pá para abrir a cova da muda e são utilizadas diversas vezes a enxada para limpeza do canteiro após plantio das mudas. O tratorito é usado apenas na preparação do solo, o que implica 01 (um) dia em cada safra, já a camionete é usada para o transporte das mudas e depois na comercialização, sendo usada em torno de 27 (vinte e sete) dias por safra (ano). O armazenamento acontece na propriedade, as morangas são entregues conforme pedido dos consumidores. As ferramentas são depreciadas em 10% ao ano, rateadas pelo número de dias usados por safra. Os valores para rateio são os depreciados.

Na Tabela 4 é apresentada a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE), com relação ao cultivo da moranga.

**Tabela 4: DRE da Moranga (em reais)**

| <b>DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO</b>  |                   |                 |
|--|-------------------|-----------------|
| <b>(+) Receita Operacional Bruta – Moranga</b> | <b>8.146,00</b>   | <b>100,00%</b>  |
| (-) Deduções – FUNRURAL                        | 187,46            | (2,30%)         |
| <b>(=) Receita Operacional Líquida</b>         | <b>7.958,64</b>   | <b>97,70%</b>   |
| <b>(-) Custos dos Produtos Vendidos</b>        | <b>(4.630,19)</b> | <b>(58,64%)</b> |
| (-) Custos Fixos                               | (186,51)          | (2,29%)         |
| (-) Custos Variáveis                           | (878,90)          | (10,79%)        |

|   |                 |               |
|---|-----------------|---------------|
| (-) CIF                                   | (3.564,78)      | (43,76%)      |
| <b>(=) Resultado Líquido do Exercício</b> | <b>3.328,45</b> | <b>40,86%</b> |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Na Tabela 4, observa-se o resultado do exercício da moranga, nessa cultura se obtém o lucro, a cultura é plantada apenas 01 (uma) vez ao ano, leva cerca de 4 (quatro) meses para ser colhido e comercializado. O FUNRURAL (INSS rural) equivale a 2,3% da receita bruta, ainda são descontados os custos fixos (depreciações), variáveis (insumos e serviços) e CIF, assim obtendo o resultado final, nesse caso o prejuízo. Os valores aqui demonstrados são anuais.

#### 4.5. Análise da lucratividade

Este estudo consiste em encontrar o lucro que cada cultura gera ao produtor. A propriedade estudada é pequena, sendo o produtor considerado um microprodutor. Na Tabela 5 é apresentada a Demonstração de Resultado do Exercício (DRE) acumulada, com relação ao total das culturas.

**Tabela 5: DRE Acumulada das culturas**

| Cultura       | Receita Bruta | (-) Funrural | (-) Custos Fixos | (-) Custos Variáveis | (-) CIF    | Lucro ou Prejuízo | % Lucro |
|---------------|---------------|--------------|------------------|----------------------|------------|-------------------|---------|
| Moranga       | 8.146,00      | (187,36)     | (186,51)         | (878,90)             | (3.564,78) | 3.328,45          | 40,86   |
| Alface        | 47.149,00     | (1.084,43)   | (1.444,80)       | (19.146,99)          | (6.572,51) | 18.900,27         | 40,09   |
| Tempero Verde | 11.800,00     | (271,40)     | (1.027,47)       | (2.706,26)           | (3.761,65) | 4.033,22          | 34,18   |
| Repolho       | 5.873,90      | (135,10)     | (418,83)         | (3.276,54)           | (3.336,56) | (1.293,12)        | (22,01) |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Conforme a Tabela 5 pode ser verificada a DRE acumulada das culturas, obtendo assim o lucro/prejuízo das culturas estudadas. Onde se propôs definir controle para o cultivo de hortigranjeiro, calcular os custos e as despesas referentes a cada cultura, assim como verificar a subsistência familiar por meio da produção de hortigranjeiro. Foi encontrada a moranga como a cultura mais lucrativa, isso está de acordo com o pouco investimento aplicado, tanto de máquinas quanto de ferramentas, seus custos são relativamente baixos, e também, pelo curto ciclo da cultura. A alface possui custos e investimentos mais elevados, porém retorna rápido, tendo em vista que a cultura pode ser plantada o ano todo, sempre tendo a rotação e, assim, as vendas.

O tempero verde, em comparação com a alface, que também é plantado o ano todo, tem seus custos muito mais baixos, devido ao seu pouco serviço utilizado e o pouco uso de insumos. Estendendo-se sua venda, isto por que, uma muda pode ser cortada cerca de 20 a 50 vezes por safra (a cada plantio é possível cortar e rebrotar aproximadamente 50 vezes, esse número varia conforme o tamanho que é cortado). Como o repolho é diferente das demais, foi

encontrado prejuízo anual com o plantio. Isso ocorre devido aos seus custos elevados, e pequenos pesos de acordo com a quantidade produzida, pesando em torno de 1,3 kg por cabeça em épocas mais frias e 2,0 kg nas épocas mais quentes, tendo uma quebra de venda muito grande, o que ocasiona o prejuízo calculado. Na Tabela 6, mostra-se o resultado líquido dos cultivos da alface, moranga, repolho e tempero verde.

**Tabela 6 – Renda por Trabalhador**

|               | Lucro ou Prejuízo Anual | Safras por ano | Lucro por Safra | Qtde. Trab. | Renda Per Capita | Renda Per Capita Anual | Renda Por Trabalhador |
|---------------|-------------------------|----------------|-----------------|-------------|------------------|------------------------|-----------------------|
| Alface        | 18.900,27               | 10,00          | 1.890,03        | 2,00        | 945,01           | 9.450,14               | 787,51                |
| Moranga       | 3.328,45                | 1,00           | 3.328,45        | 2,00        | 1.664,22         | 1.664,22               | 138,69                |
| Repolho       | (1.293,12)              | 4,00           | (323,28)        | 2,00        | (161,64)         | (646,56)               | (53,88)               |
| Tempero Verde | 4.033,22                | 2,00           | 2.016,61        | 2,00        | 1.008,31         | 2.016,61               | 168,05                |
| <b>Total</b>  |                         |                |                 |             |                  |                        | <b>1.040,37</b>       |

Fonte: Elaborado a partir de dados da pesquisa.

Na Tabela 6 foi demonstrado o resultado da renda por trabalhador, na propriedade, para as duas 02 pessoas que trabalham envolvidas na cultura, o proprietário e mais um funcionário. Assim, conforme demonstrado, apurou-se uma renda de R\$ 1.040,37 mensais para cada um, livre dos custos, ou seja, o valor líquido.

## 5. Considerações Finais

De acordo com a Hortifruti Brasil (2016), os pequenos, médios e grandes agricultores devem buscar aprimoramento no gerenciamento da sua atividade. O segmento de serviço do agronegócio, que abrange todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos hortifrúteis, indicam um aumento de 3,4%.

Na agricultura familiar, a atuação é predominantemente por pequenos proprietários e, com a prática de mão-de-obra familiar, buscam sua sustentabilidade.

Conhecer os produtos cultivados e reconhecer os resultados é essencial em todas as propriedades agrícolas, possibilitando identificar os pontos fortes e fracos, bem como a viabilidade de investimentos e a obtenção do retorno esperado.

Importante mencionar que a alimentação com hortigranjeiro vem tendo crescimento no mercado consumidor e, com isso, torna-se relevante obter e se manter na atividade com lucratividade em sua produção.

Esta pesquisa teve por objetivo identificar a lucratividade que os produtos hortigranjeiros proporcionam a um pequeno produtor rural da agricultura familiar.

Foi realizado o cálculo da subsistência familiar, em que, após deduzidos os custos

envolvidos, obteve-se o lucro líquido. Este foi dividido pelas 02 (duas) pessoas e, com isso, foi obtida a renda per capita no valor de R\$ 1.040,37 mensal por trabalhador. Esse resultado é líquido, já descontados os custos de cada cultura, sendo essa renda o pagamento para investimentos pessoais.

Para apurar custos inerentes a cada cultura, foi realizado este estudo, no qual foi identificada e separada a quantidade utilizada de insumos, serviços e ferramentas nas culturas produzidas, observando-se as safras anuais, formando-se, assim, centros de custos para melhor distribuição do serviço e investimento, obtendo-se um melhor retorno para o produtor.

Assim, a pesquisa concluiu que a cultura da moranga gera uma maior lucratividade (40,86%), seguida pela cultura da alface (39,48%), após o tempero verde (34,19%) e a cultura do repolho, com prejuízo operacional (-22,01%). Esse resultado é encontrado na moranga, tendo em vista que é cultivada apenas uma vez ao ano, utilizando, assim, menos mão de obra e insumos.

Constatou-se diferença irrelevante de lucro entre a alface e o tempero. Isso ocorre devido à alface ser plantada dez vezes ao ano e o tempero, apenas duas, sendo colhido diversas vezes nessas. Porém, requer mais mão-de-obra, principalmente na colheita/preparo para a venda. O repolho apresentou prejuízo em virtude dos seus altos custos com insumos e CIF's.

Como limitação do estudo, menciona-se análise de apenas um único produtor de uma pequena propriedade, localizado na Fazenda do Cedro, São Pedro – Coxilha Grande, Vacaria, Rio Grande do Sul, que cultiva as variedades da horticultura, com 2 (dois) hectares plantados de hortigranjeiro (alface, moranga, repolho e tempero verde).

As contribuições referem-se à identificação da lucratividade como um resultado dos produtos hortigranjeiros para o pequeno produtor rural da agricultura familiar, demonstrando, portanto, a importância da contabilidade rural para melhorar o gerenciamento da propriedade.

Houve também uma contribuição com a literatura da área. Zanin et al. (2014), por exemplo, preconizam que estas atividades são deficitárias no uso da contabilidade e do controle, o que se agrava nas pequenas e médias propriedades rurais. Seguindo o mesmo pensamento, Dal Magro et al. (2013) advertem o quão é relevante o controle de custos, das despesas, das receitas, bem como a separação entre estes elementos do negócio e o orçamento familiar.

Para novas abordagens, recomenda-se ampliar a pesquisa para outras propriedades, bem como para outras culturas, a fim de identificar possíveis diferenças.

## 6. Referências

ABBAS, K.; GONÇALVES, M. N.; LEONCINE, M. Os métodos de custeio: vantagens e desvantagens e sua aplicabilidade nos diversos tipos de organizações apresentadas pela literatura. *Contexto*, Porto Alegre, v. 22, n. 12, p. 145-159, jul. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/33487>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

ABCSEM. Associação Brasileira de Comércio de Sementes e Mudas. *2º levantamento de dados socioeconômicos da cadeia produtiva de hortaliças no Brasil*. 2014. Disponível em <<http://www.abcsem.com.br>>. Acessado em 20 de dezembro de 2014.

ASSIS NETO, A.G. de; ROBLES JÚNIOR, A. Gerenciamento de uma propriedade rural de pequeno porte, na cidade de Guaxupé, no Estado de Minas Gerais, com base no custeio direto. *Custos e @gronegocio on line*, v. 15, n. 4, out/dez, 2019.

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. *CPC 29 Ativo Biológico e Produto Agrícola*. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br/CPC/Documentos-Emitidos/Pronunciamentos/Pronunciamento?Id=60>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CREPALDI, S. A. *Contabilidade Rural: Uma Abordagem decisorial*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Curso básico de Contabilidade de Custos*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Contabilidade rural: uma abordagem decisorial*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Contabilidade rural: uma abordagem decisorial*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2016

CREPALDI, S. A.; CREPALDI, G. S. *Contabilidade Gerencial: teoria e prática*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

CRUZ, J. A. W. *Gestão de Custos: perspectivas e funcionalidades*. Curitiba: Ibplex, 2011.

DAL MAGRO, C. B.; DI DOMENICO, D.; ROBERTO, C. B.; ZANIN, A. *Contabilidade*

rural: comparativo na rentabilidade das atividades leiteira e avícola. *Custos e @gronegocio on line*, v. 9, n. 1, p. 02-22, 2013.

FERREIRA, J. A. S. *Contabilidade de Custos*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.  
Disponível em:  
<[https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788576051183/pages/\\_5](https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788576051183/pages/_5)>. Acesso em: 09 de mai. 2017.

GODFRAY, C.; BEDDINGTON, J.; CRUTE, I.; HADDAD, L.; LAWRENCE, D.; MUIR, J.; PRETTY, J.; ROBINSON, S.; THOMAS, S.; TOULMIN, C. *Food security: the challenge of feeding 9 billion people*. *Science*, v. 327, p. 812-818, 2010

HORTIFRUTI BRASIL. Ed. Especial 15. Nº 163. Dez/2016 – Jan/2017. Disponível em:  
<<http://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/retrospectiva-2016-perspectivas-2017.aspx>>. Acesso em: 05 de abril. 2017

IZIDORO, C. *Contabilidade de Custos*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.  
Disponível em:  
<<https://ucs.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788543016993/pages/-8>>. Acesso em: 09 de mai. 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARION, J. C. *Contabilidade e Controladoria em Agribusiness*. São Paulo. Atlas: 1996.

\_\_\_\_\_. *Contabilidade Rural*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, E. *Contabilidade de custos*. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. 3. ed. São Paulo: Altas, 2016.

PADOVEZE, C. L.; BENEDICTO, G. C. de. *Análise das Demonstrações Financeiras*. 3. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PEREIRA, B. A. D. **Estruturação de relacionamentos horizontais em redes**. Tese (Doutorado). Programa de PósGraduação em Administração: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. 218 p.

PIZZOLATO, N. D. *Introdução à contabilidade gerencial*. 2. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.

Posto 7 – Hortaliças. Disponível em: <<http://www.posto7.com.br/hortalicas.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In.: BEUREN, I. M. (Org.). *Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2008.

SEBRAE. Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. 2015. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-mercado-de-hortalicas-no-brasil,92e8634e2ca62410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em: 17 de abri. 2017.

WENKE, R. *Gestão de Custos: uma abordagem prática*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ZANIN, A.; OENNING, V.; TRES, N.; KRUGER, S. D.; GUBIANI, C. A. Gestão das propriedades rurais do Oeste de Santa Catarina: as fragilidades da estrutura organizacional e a necessidade do uso de controles contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, v. 13, n. 40, p. 9-19, 2014.